

**VERDADE E IMAGINAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS: MULTIVOCALIDADES E
CONSTRUÇÕES MEMORIAIS NA PRÁTICA DOS BENZIMENTOS NA LOCALIDADE DE
SÃO MIGUEL DAS MISSÕES/RS**

TRUTH AND IMAGINATION IN ORAL NARRATIVES: MULTIVOCALITIES AND MEMORIAL
CONSTRUCTIONS IN THE PRACTICE OF BLESSING IN THE LOCATION OF SÃO MIGUEL
OF THE MISSIONS/RS

Juliani Borchardt da Silva¹

Ronaldo Bernardino Colvero²

Eduardo Jordão Knack³

Resumo: Como prática cultural tradicional na localidade de São Miguel das Missões/RS, o ofício de benzer se coloca como elemento marcante da identidade e da cultura local. Neste ensejo, este artigo se propõe a discutir aspectos relacionados à narrativa exposta por alguns de seus praticantes no tocante à construção de suas memórias, se utilizando para isso de uma metodologia qualitativa, qual seja, a de entrevistas orais realizadas junto a benzedores da comunidade, sendo este material coletado, transcrito e analisado. Uma vez que, discursos onde se é possível identificar memórias que remetem a episódios considerados plurais e dinâmicos, são fundamentais na formação de seu ofício, constituindo assim verdades e imaginários através destas narrativas.

Palavras-chave: Benzimentos. São Miguel das Missões/RS. Narrativas. Memória. Verdade. Imaginação.

Abstract: As a traditional cultural practice in the locality of São Miguel das Missões/RS, the craft of bless stands as a striking element of local identity and culture. Thus, this article intends to discuss aspects related to the narrative exposed by some of its practitioners regarding the construction of their memories, using for this a qualitative methodology, that is, oral interviews conducted with community blessers, this material being collected, transcribed and analyzed. Discourses in which it is possible to identify memories that refer to episodes considered plural and dynamic are fundamental in the formation of their craft, thus constituting truths and imaginations through these narratives.

Keywords: Blessing. São Miguel das Missões/RS. Narratives. Memory. Truth. Imagination.

¹ Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPel. E-mail: juossette@hotmail.com

² Doutor em História – UFPel/Unipampa. E-mail: rbcolvero@gmail.com

³ Doutor em História – UFPel. E-mail: knackeduardo@gmail.com

A prática dos benzimentos é produzida através da interação social entre distintos sujeitos que, de forma conjunta, organizam e elaboram sentidos que somados em suas diferenças, resultam num ofício dinâmico e plural que predominantemente é manifestado em narrativas que dão forma à construção das experiências vividas, imaginadas e constitutivas das identidades que compõem seus grupos sociais. Narrativa aqui entendida não como a ficcional, mas sim documental, histórica, que produz conhecimento como fonte aproximando passado e presente (ALBERTI, 2004, p. 163). Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 110) defendem a ideia de que narrativas não estariam abertas à comprovação, não podendo assim ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade a partir de um ponto de vista em específico, de uma situação atrelada a um local e espaço determinados.

Nesta seara, objetiva-se olhar o contexto produzido junto às narrativas de benzedores na localidade miguelina⁴ a fim de identificar aspectos constitutivos de suas memórias onde se desenham ao mesmo tempo discursos de legitimidade de um ofício tradicional que perdura por gerações e que, através da oralidade se expõem publicamente àqueles que lhes procuram. Desta forma, perguntas básicas se apresentam: Essa exposição diante do “outro” busca constituir uma verdade? Que verdade é essa? O que pode ser imaginado e constituído como verdade nas distintas falas quando expostas? Imprescindível, neste contexto, a análise da temática narrativa para um entendimento mais representativo da multivocalidade existente no grupo, para assim proporcionar uma escuta atenta e total dos sujeitos, compreendendo as possíveis dinâmicas que se estabelecem na formação do discurso dos indivíduos e seus reflexos na sua constituição memorial.

Visto inicialmente como campo estritamente textual e de busca da verdade absoluta através da autenticidade, os trabalhos com narrativas ganham um olhar contextualizado de seus ambientes de produção, influenciados pela antropologia holista⁵, que segundo Langdon (1999, p.15) permite realizar uma tradução mais

⁴Município de São Miguel das Missões/RS. Atualmente com 7.663 habitantes segundo estimativa do IBGE (Revisão da População 2018).

⁵Para ele uma compreensão adequada do homem exige a consideração de todos os aspectos que contribuíram para influenciar sua cultura: seus aspectos físicos, históricos, lingüísticos e culturais. Langdon (1999, p.16)

completa das estruturas que envolvem o sujeito no evento narrativo. Assim, a análise do discurso vai além da fonética e da palavra, considerando-se todo o ato que envolve a produção da comunicação narrativa, sendo ele memorial, gestual, simbólica e de qualquer forma manifestada no processo de criar o discurso, pois como parafraseia Mendoza García:

(...) pertenecer a una cultura es encontrarse inmerso em um sisnúmero de relatos interconectados em torno al pasado, aunque, no todos ellos establezca nun acuerdo, um consenso. Pueden presentarse los disensos, discontinuidades, desaviencias. (2004, p. 05)

Neste cenário, o resultado de negociações encaminhará o olhar e os discursos a serem atribuídos aos espaços, aos objetos, bem como às experiências que se colocam como marcos coletivos da vida em sociedade. Ponto central neste processo são os meios como tais narrativas são desenvolvidas em sua multivocalidade e interatividade, onde interlocutores se apresentam diante de seus ouvintes dispostos a falarem sobre si. Essa apresentação, por si só, já representa, segundo Errante (2000, p. 142), o alinhamento de ideias, símbolos, valores e qualidades a serem expostas. Publicamente possui, igualmente, a capacidade de expor aspectos menos favoráveis dos sujeitos e de suas vidas ou então fatos traumáticos difíceis de serem reproduzidos através da fala. Langdon (1999, p. 23) compactua deste pensamento ao lecionar que os grupos se utilizam da narrativa para também contarem e compartilharem seus dramas sociais. Em contraponto, Thompson (1997, pgs. 57-58) defende a ideia de que episódios traumáticos podem tumultuar a compreensão das memórias e identidades, sendo difícil estabelecer uma coerência entre ambos, pois estas passagens estariam mal resolvidas ou seriam demasiadamente dolorosas para serem administradas na atualidade.

Assim, Errante (2000, p. 142) reforça questões referentes à narrativa como elemento de dignidade da pessoa, sendo esta condição necessária às relações humanas e coletivas para convivência em sociedade. Desta forma, o ato de narrar pode servir como instrumento de superação de episódios traumáticos ao passo que igualmente coloca nas esferas públicas a circulação de temáticas e narrativas antes silenciadas, muitas vezes de forma intencional, socialmente e politicamente. Certo é que todo sujeito ou comunidade constitui narrativas. Não há, portanto, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 91)

experiências que não possam ser expressas em forma de narrativa. Estas, por sua vez, colocam os fatos em pauta, organizando-os de forma lógica e de maneira mais clara e autêntica de sentidos e sentimentos pertinentes no presente. Em sendo assim, na concepção dos autores, a narrativa não é apenas uma listagem isolada ou aleatória de fatos, mas uma tentativa de ligá-los no tempo e espaço, dando os sentidos e a unidade necessária através da criação de um enredo que precisa ter coerência à narrativa e às histórias apresentadas (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p. 92). Desta maneira, o trabalho com narrativas exige uma compreensão para além da sequência de fatos apresentados pelo narrador, visto que elementos não expressos e reconhecidos cronologicamente constituem material precioso a ser considerado pelo pesquisador quando da análise de todas as informações coletadas ao longo do trabalho de campo.

Esse processo exige, portanto, o auxílio de demais pesquisas, sejam elas documentais ou de caráter narrativo com outros sujeitos, que auxiliem no entendimento dos contextos que envolvem a vida dos depoentes a fim de verificar contradições ou a confirmar os dados já apresentados. É preciso neste contexto, como nos afirma Errante (2000, p. 153), que se tente produzir uma escuta profunda e total do sujeito, onde gestos, silêncios e expressões ressoem as experiências vividas e ressignificadas através da fala/narrativa. Tal procedimento é necessário também, segundo a autora, na construção de um senso de confiança e de sensibilidade entre as partes, influenciando o processo de rememoração e investigação a ser desenvolvido. A produção de uma escuta completa se faz na leitura das memórias apresentadas pelo interlocutor, as quais estão em constante reconstrução, como defende Thompson:

(...) Experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão. A memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas”, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto lembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo. (1997, p. 57)

Cada narrativa e seu interlocutor estarão, no momento da fala, influenciados por preocupações e interesses de seus contextos atuais. A escolha do que narrar é marca do lugar e das escolhas daquele que fala. A memória assim é uma representação dos fatos reconhecidos e organizados, onde o trabalho com o campo oral significa muitas vezes

uma confrontação crítica e de alteridade dos fatos reconstruídos (PORTELLI, 1996 p. 111). Uma escuta mais profunda requer não olhar apenas o sujeito de forma isolada, mas o seu coletivo. Aspectos históricos e sociais do presente podem ser determinantes ao entendimento de narrativas, contextos ou silêncios manifestados. O ambiente e as relações sociais podem influenciar os discursos produzidos, sendo, portanto, fundamental, uma leitura ampla dos elementos que ao longo da história e no presente, marcam memorialmente e, assim, identitariamente, através do discurso, o sujeito. Assim, o trabalho com narrativas orais aparece como ferramenta de pesquisa estratégica em contraponto ao desenvolvimento de histórias únicas, objetivando através da voz e da escuta elementos memoriais que mediados na atualidade podem auxiliar na construção ou na reconstrução de novas versões de fatos e episódios reconhecidos e compartilhados historicamente como únicos e verdadeiros, pois, como nos leciona Pollak (1992, p. 204), a memória, por ser um processo seletivo e fenômeno construído através de disputas, se organiza de forma a enquadrar os elementos a serem reconhecidos como importantes coletivamente.

Tais características podem ser vislumbradas em narrativas manifestadas junto a benzedores da comunidade miguelina, as quais em sua pluralidade de contextos e expressões forneceram material oral que possibilita um estudo interessante das produções memoriais e de sentidos atribuídos ao ofício exercido na atualidade que, dentre outras características, se transfere no saber-fazer cotidiano de suas famílias entre gerações. Neste campo, uma das inquietações que aparecem diz respeito às possibilidades referentes aos processos imaginativos e de verdade que se constroem no desenvolver das narrativas então analisadas. Tais processos imaginativos podem se referenciar a distintos elementos, tais como: origem de um dom, transmissão sobrenatural de um conhecimento, cura de pessoas com doenças graves, dentre outros. Analisados em seu contexto, tais episódios são considerados como elementos centrais de suas práticas, sendo assim constituídos de verdade para a formação das memórias a serem compartilhadas socialmente e conseqüentemente das identidades formadas a partir destas.

É o caso, por exemplo, da entrevista realizada com a benzedeira Marlene Machado Cassiano⁶, a qual entre todas as informações coletadas e analisadas manifestou aspectos que direcionam a episódios relacionados à cura de animais e pessoas picadas por cobras e aranhas:

Marlene: Por três vezes as cobras já pegaram os cachorros lá de casa, um *pincher* pequeno e da última vez meu marido veio lá do mato com ele no colo, caidinho assim (*faz gesto do cachorro quase morto*), era um cachorrinho muito bonitinho. Daí eu peguei ele fui benzendo, benzendo ele começou a se levantar, babar e devereda melhorou! Depois nós estava aqui e minha mãe tinha uma cadela grande e me chamaram que uma cobra tinha pego a cadela. A cadela tava no galpão estirada e a guria chorava que não era pra morrer e eu acostumada que me ligavam nos lugar assim pra benzer de picada de cobra, e eu dizia pra guria não chorar que a cadela ia sarar porque eu já tinha curado de tantos cachorros que as pessoas me ligam pra benzer! Eu não podia deixar morrer a nossa. Eu benzi ela e dali um pouco começou a dar uma tremedeira na cadela. Só inchou um pouco depois desinchou. Teve uma mulher que tava uma pegada de aranha assim na mão e começou a ir pro braço, ela começou a vir aqui e eu comecei a benzer ela e quando tu começa a benzer é mesma coisa que um bicho estar te mordendo, é a mesma coisa! (MARLENE MACHADO CASSIANO, 2017-grifo nosso)

Marlene apresenta em sua fala, mesmo que indiretamente, o ambiente que a cerca, quer seja, uma comunidade do interior, afastada e rodeada de vegetação. É neste contexto onde, provavelmente, se forjam as experiências por ela vivenciadas ao longo de sua vida. Tal ambiente reflete a forma como a entrevistada, assim como demais moradores, criaram estratégias para adaptação aos elementos existentes à sua volta, os quais obviamente necessitavam de respostas ou de solução imediata, como por exemplo, a cura de doenças e a solução de problemas mais urgentes do cotidiano. É assim que episódios como a cura de picada de cobra em cachorros, as quais se repetem mais de uma vez, inclusive com distintas plateias assistentes, permeiam as narrativas constituídas por Marlene quando da evocação de suas memórias como benzedeira. Nesta direção, reforça-se que o ato de benzer necessita de público, de um “outro”, sendo este fundamental no compartilhamento posterior produzido socialmente dos significados ali elaborados.

Alia-se a isso, a ênfase em sua missão pela cura ao narrar que “eu não podia deixar morrer a nossa”, sendo solicitada por conhecidos para resolver demandas

⁶ Marlene Machado Cassiano. 57 anos. Natural de São João das Missões, interior de São Miguel das Missões. Casada. Benze desde os 13 anos de idade. Entrevista Realizada em 31 de dezembro de 2017 na cidade de São Miguel das Missões/RS.

semelhantes, buscando, provavelmente, afirmar em sua fala, ser ela sujeito de referência em seu meio de convívio e/ou localidade. Esta posição precisa ser colocada e reafirmada a fim de que se delimite o campo de atuação e a necessidade imposta narrativamente pela própria entrevistada para sua função, a qual, além de ser dita na entrevista em questão, é, seguramente, compartilhada socialmente por outras pessoas. Percebe-se que os episódios contados não possuem, a *priori*, conexão direta temporal ou de personagens. A fala de Marlene, assim como de outros entrevistados busca, basicamente, apresentar de forma direta uma mensagem que convença o ouvinte dos fatos ali expostos. Amado (1995, p.135) define que há uma dimensão simbólica nas entrevistas que nem sempre apresentam as trajetórias e fatos de forma a lançar luz que possibilitem compreender todos os significados e associações possíveis das lembranças apresentadas, sendo necessário rastrear e buscar interpretar tais experiências expostas de forma a buscar compreender os sentidos ali atribuídos.

Assim, o que Marlene busca é apenas se colocar identitariamente como sujeito detentor de tais habilidades de cura, e assim o faz também através da fala e da tentativa de convencimento que ela proporciona aos ouvintes. Se o fato narrado é verdade ou criação da entrevistada, são questões irrelevantes, visto que tais narrativas, verídicas ou não, são capazes de dar um panorama perfeito dos aspectos que formam o imaginário e as representações memoriais de Marlene e dos demais que a cercam.

Imagem 1: Marlene Machado Cassiano. Encontro de Benzedores em São Miguel das Missões/RS, 31/12/2017.



Fonte: Juliani Borchardt, 2017.

Auxiliando na construção dos sentidos a serem expostos, em outro ponto da entrevista Marlene indica o fluxo de pessoas que a procuravam em sua residência para se benzer:

Juliani: E como era a procura lá fora⁷?

Marlene: A hora que chegavam se benziam. A hora que chegassem eu tinha que parar o que tivesse fazendo e ir benzer. Quem mora pra fora tem bastante serviço né? Mas tinha que benzer, ia fazer o que né?

Juliani: E lá onde a senhora morava tinha outros benzedores também?

Marlene: Não. Lá na Vila Seca não tinha não, só eu. (MARLENE MACHADO CASSIANO, 2017)

Indica, em sua fala, que a procura por seus serviços era grande, sendo necessário colocar demandas de saúde “do outro” à frente da vasta quantidade de tarefas que o cotidiano da vida no interior lhe obrigava. Desta forma, sua abnegação pessoal e devoção ao ofício é marca que precisa estar registrada em sua fala, do mesmo modo que sua prática será então colocada, em algum sentido, como defende Confortin (2005, p. 17) como uma missão, um fardo que é ressignificado durante uma vida em favor do próximo. Essa missão é imagem, portanto, característica da figura do benzedor, sendo geralmente, relacionado à de uma pessoa idosa, sábia e que se coloca gratuitamente à disposição de uma comunidade para atendimento em qualquer situação, seja emocional ou de saúde (OLIVEIRA, 1985 p. 14). Relacionados tradicionalmente a uma religiosidade popular, são ainda considerados sujeitos humildes que possuem determinado “dom” sobrenatural, e que de forma “predestinada” resolvem os problemas físicos e espirituais dos mais variados tipos de forma gratuita e generosa. Desta maneira, é esta verdade que de forma indireta Marlene tenta edificar através dos fatos e elementos expostos em sua narrativa, os quais são tomados como constituidores de sua personalidade e identidade enquanto sujeito.

Outro sujeito que narra suas experiências é Romilda de Moraes⁸, benzedeira desde seus trinta anos de idade:

Romilda: (...) Daí eu fui no médico e ele disse “isso tem que ser operado imediatamente senão começa um câncer”. O mano mais velho disse “bah mas no médico eu vou pagar despesa”. Eu fui operada e o médico não me largou até

⁷ Se referindo à comunidade do interior onde residia à época em São Miguel das Missões/RS.

⁸Romilda de Moraes. Sessenta e cinco anos de idade. Nascida em Caibaté/RS. Moradora de São Miguel das Missões a 20 anos. Casada com Cipriano Dornelles. Entrevista realizada em 27 de dezembro de 2017 na residência de Romilda, São Miguel das Missões/RS.

fazer exame pra ver se não era maligno aquele câncer. E não era. Eu disse “se Deus me curar desse câncer e Deus me der o dom de curar os outros e ele me curou!” E dali eu fui aprendendo por si e várias pessoas se curaram aqui, até de câncer de pele, até pessoas de longe que me ligam e pedem oração. É do Paraná, Santa Catarina e depois me ligam de volta dizendo que está bom. (ROMILDA DE MORAES, 2018)

A fala de Romilda remete a episódio que, em suas memórias, seria o início de suas atividades vocacionais como benzedeira. No momento em que uma doença poderia se tornar fatal em sua vida evoca a cura em troca do dom para assim ajudar outras pessoas que necessitam de auxílio para cura. Nesta lógica discursiva, a entrevistada constituiu seu discurso a fim de criar o fato central para a formação de sua vocação espiritual. A experiência vivida partiria assim dela própria, sendo ela, enquanto sujeito, a única capaz de narrar e representar sua prática na atualidade. Denota-se ainda na fala de Romilda que, o acesso a tratamentos médicos com profissionais formados se colocava de forma inacessível à população, que não possuía recursos financeiros para arcar com despesas junto a estes profissionais, bem como dos tratamentos para doenças mais graves, como a do caso narrado. Isso elucidada, em boa parte, o contexto ambientado por estes sujeitos quando da produção dos sentidos alternativos na busca de uma solução para problemas de saúde, onde a pobreza e a falta de um sistema universal gratuito de saúde pudessem atender as demandas sociais da população.

Ainda, surge, mesmo que superficialmente na fala, a dependência financeira existente nas relações familiares, onde o irmão de Romilda seria o responsável por cuidar e arcar com as despesas relacionadas ao tratamento da irmã, demonstrando assim, um pouco das relações sociais e dos possíveis espaços ocupados pela mulher na conjuntura doméstica, cabendo assim sua atuação como benzedeira um ofício de poder e estima junto aos outros. Isso é denotado quando a entrevistada cita que após se curar e receber o dom foi aprendendo sozinha o ofício de benzer.

Outra fala analisada é a do benzedor Ouriques Garcia de Jesus⁹, o qual expõe o seguinte episódio:

Ouriques: Nós temos que ter iniciativa pra aprender as coisas ou tu acha que não? Como eu tava te contando, chegou lá em casa uma mulher no colo, tinha

⁹Ouriques Garcia de Jesus. Sessenta e nove anos de idade. Nascido e criado na localidade de Capão do Cipó, interior de São Miguel das Missões/RS. Casado há quarenta anos. Benzedor desde os dez anos de idade. Entrevista realizada em São Miguel das Missões/RS em 31 de dezembro de 2017.

ganhado nenê, fez uma cirurgia e perdeu¹⁰ as pernas. E o que o médico disse? “Cadeira de rodas!” (*ênfase*). Não tinha outra solução!. Tinha umas trinta pessoas lá em casa. Ela chegou e eu nem via ela. Chegou a vez dela e eu chamei e o cara botou ela sentada e ela me contou toda história e a mãe dela com o gurizinho dela no colo. Benzi ela e ela saiu caminhando. Mandei ela mexer com as pernas, eu dizia “eu sei que tu mexe!” e mandei ela ficar de pé e ela ficou de pé. Ela quis sentar e eu disse “não, fica de pé!”. O marido tava do outro lado e achava que ela ia cair, eu dizia que não, não ia cair, nós estávamos ali pra ajudar. Ninguém ia deixar ela cair. Mandei ela sair caminhando e ela dizia “não, não posso sair caminhando”. Eu dizia que estava dando essa oportunidade para ela, de ter as pernas de volta, hoje ou nunca! E ela caminhou! O pessoal viu ela entrando no colo e saindo caminhando. (OURIQUES GARCIA DE JESUS, 2017 – grifo nosso)

Ouriques possui dia certo para exercer suas atividades de benzedor. Terça, quinta e sábado são destinados ao atendimento ao público em sua casa, localizada na localidade de Esquina Coimbra, interior de São Miguel das Missões/RS. Assim como na fala de Romilda, o benzedor expressa a necessidade de buscar “aprender” algo novo, como uma demanda em sua vida, seja de sobrevivência, de poder ou sentido a seu ofício.

Da mesma forma como os demais depoentes, caracteriza um público existente no episódio rememorado como assistentes que ali presenciam, no caso específico, a cura de uma mulher que chega paraplégica e, ao se benzer sai curada do local. Porém, o narrador não se detém em aspectos minuciosos de como esse processo teria ocorrido tampouco quem seria a mulher em questão. Preocupa-se, no entanto, em referenciar que a mesma saiu curada de sua residência, ou seja, caminhando. Faz questão de ressaltar, porém, que a decisão de lhe conceder “uma nova oportunidade de andar” foi sua, marcando seu espaço de poder diante dos demais que lhe observam.

Ouriques reproduz, mesmo que indiretamente, os milagres realizados, por Jesus Cristo¹¹, e reproduzidos vastamente na liturgia católica através da Bíblia. Se torna assim, como os demais depoentes, referência de cura em sua localidade, marcado portando, por meio de suas, sua própria história. A construção disso parte, quando o entrevistado fala de sua religião e do desejo de construir seus próprios parâmetros religiosos:

Juliani: Então o senhor não frequenta igreja?

Ouriques: Não. Eu sigo a minha religião, o meu Deus e pronto. Não adianta dizer que sigo a católica, o espírita, vou estar te enganando porque não sigo.

¹⁰Fazendo referência ao fato da mulher em questão não conseguir mais caminhar.

¹¹ Cura de paraplégicos são citadas, por exemplo, nas seguintes passagens bíblicas: Mateus 9.2-8; Marcos 2.3-12; Lucas 5.18-26, assim como tantos outros relacionados à outras enfermidades.

Juliani: Então o senhor não atribuiu o seu benzimento a uma religião em específico?

Ouriques: Não, não. Cada religião tem um pedacinho do lado bom. A questão é estar de bem com Deus. (OURIQUES GARCIA DE JESUS, 2017)

Mesmo Ouriques não negando a importância de igrejas e do benefício que podem representar quando seguidas, demonstra o desejo de formar uma prática única e diferente destas, fugindo de um enquadramento institucionalizado e simbólico atribuído a determinada religião. Busca assim, liberdade de criação com seu ofício, onde sua prática e palavra podem ser construídas cotidianamente como determinar sua própria fé e sabedoria, independentemente de seu público compartilhar de outros espaços de fé ou igrejas.

Isso não descarta as influências históricas destas religiões na prática atual de Ouriques, visto que seus pais¹², ambos benzedores, eram católicos segundo o depoente:

Juliani: E seus pais eram de que religião?

Ouriques: Católicos.

Juliani: Frequentavam?

Ouriques: Olha, naquele tempo nem igreja existia. Iam lá de vez em quando. (OURIQUES GARCIA DE JESUS, 2017)

Apesar de não existir estruturalmente uma igreja na localidade narrada pelo entrevistado, a presença católica era de igual sorte marcada no cotidiano de seus habitantes, os quais reproduziriam determinadas práticas caracterizadas e estabelecidas como padrão de fé pelo catolicismo. Porém, dentro de cada contexto, cada sujeito recriava suas representações dentro das referências de fé que possuía, caracterizando assim determinada liberdade de releitura de símbolos e rezas praticados socialmente em sua localidade. No caso de Ouriques, o uso de orações pelos seus pais era apenas o “pai nosso” e “ave maria”¹³, não sendo habitual a utilização de imagens na prática de seus benzimentos no ambiente doméstico, visto que também eram benzedores, dando a ideia de que o frequentar uma igreja era exercício excepcional em sua família. Essa ação é justificada, segundo entrevista realizada com o padre Ignácio Fenner¹⁴ pela ausência da

¹² A mãe de Ouriques benzia para “ar” e o pai para “cobreiro”. (Ouriques Garcia de Jesus, 2017)

¹³ Conforme entrevista realizada em 30 de dezembro de 2017.

¹⁴ Ex pároco da Igreja matriz de São Miguel das Missões. Entrevista realizada em 18 de maio de 2014 para pesquisa intitulada “Benzimentos: Estudo sobre a prática em São Miguel das Missões”, acessível em <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Juliani-Borchardt.pdf>.

própria igreja durante muito tempo no território miguelino, conforme expõe em entrevista realizada no ano de 2014, quando ainda atendia a paróquia do município:

(...) vai pra trinta e quatro anos de paróquia que tem aqui e antes então os padres vinham de Santo Ângelo¹⁵ para atender toda essa região aqui de São Miguel que é muito extensa essa área aqui, muito extensa. Então esporadicamente os padres vinham pra cá e as pessoas aqui da comunidade elas necessitavam também de um auxílio espiritual né, de uma ajuda no sentido de ter a presença do divino na vida deles, do sagrado (...). (IGNÁCIO FENNER, 2014)

Para o padre, a comunidade necessitava suprir suas demandas espirituais e, na ausência de uma representação institucional da igreja católica, a figura do benzedor assumiu, mesmo que indiretamente, o papel de levar bênçãos e a palavra de Deus aos mais variados cantos da cidade, sendo figura de “evangelização em nome da própria igreja”, a qual possuía dificuldades de atender espiritualmente todo o território miguelino e sua população. É o que Weber (1999, p. 181) vai justificar como sendo a necessidade de se organizar perspectivas místicas e religiosas que atendessem às necessidades sociais do grupo, procurando assim dar conforto espiritual e físico.

Outro benzedor que expõe narrativamente o desejo de caracterizar uma atuação diferente é Cipriano Dornelles¹⁶:

Juliani: E essas orações o senhor cria ou faz as mesmas da igreja católica?
Cipriano: Eu faço diferente, é a minha oração. (CIPRIANO DORNELLES, 2017)

Corroborar-se a ideia de que, em determinados sujeitos, há a determinação voluntária de constituir uma prática de fé distinta daquela formalizada e institucionalizada pela igreja (católica e evangélica), sendo, portanto, marcada, a *priori*, pela exposição de uma oralidade única, representativa de uma experiência manifestada por meio de seus vocabulários, gestos e objetos estruturados de sentidos vivos e singulares, sendo estes compartilhados socialmente e reproduzidos por aqueles que aderem à prática. Desta forma, o desejo de uma imagem identitária molda as narrativas e as práticas a serem constituídas e reproduzidas no presente, sendo esta construção, conforme visto, igualmente reproduzida e influenciada no seio das famílias praticantes

¹⁵ Cidade da qual São Miguel das Missões/RS se emancipa em 1988. Distante a 60 60km de Santo Ângelo/RS.

¹⁶ Cipriano Dornelles. Sessenta e cinco anos. Nascido em São Miguel das Missões/RS. Casado com a também benzedora Romilda de Moraes. Entrevista realizada em 27 de dezembro de 2017.

do ofício de benzer, as quais podem ser “mais” ou “menos” devotas de um catolicismo institucionalizado e suas influências.

O contar sobre si, no presente, é constituir-se como sujeito. Desta forma, os episódios marcados pelos entrevistados são de alguma forma, evocadores de suas memórias e assim caracterizam suas principais características identitárias como indivíduos na atualidade, sendo para eles, a verdade de suas vidas. Tais experiências conferem legitimidade à suas falas, tornando-os protagonistas do ofício que buscam exercer em seu cotidiano, cabendo aos seus interlocutores a empatia e a aderência necessária ao compartilhamento de suas representações a fim de que tais memórias não caiam no esquecimento.

A imaginação, deste modo, assume papel na construção de um passado a ser lembrado e, em seu ato evocativo no presente é alterada constantemente conforme os contextos e necessidades do sujeito e seu coletivo. Assim, produzem-se rastros como suportes *menmônicos* a fim de cristalizar determinados elementos deste passado como referência e, conseqüentemente, como uma verdade concreta. Neste ensejo, o ofício de benzer desponta como uma ideia de memória, reproduzido por múltiplas vezes que por meio de seus discursos reproduz em um passado imaginado e reconstruído que parece se adaptar ainda perfeitamente aos anseios daqueles que lhes procuram em busca de auxílio físico ou espiritual.

Entrevistados / Fontes Orais:

Alzira de Oliveira Leite. São Miguel das Missões/RS, 2017.

Cipriano Dornelles. São Miguel das Missões/RS, 2017.

Ignácio Fenner, São Miguel das Missões/RS, 2014.

Marlene Machado Cassiano. São Miguel das Missões/RS, 2017.

Ouriques Garcia de Jesus. São Miguel das Missões/RS, 2017.

Romilda de Moraes. São Miguel das Missões/RS, 2017.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. Translated into Portuguese (Brazil) by Erika Barbosa. Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/por_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html

ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral: a ação da memória. **Ouvir contar. Textos em história oral. Rio de Janeiro, Editora FGV**, p. 33-43, 2004.

AMADO, Janaína. **O grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral.** História. São Paulo, 14: 124-136, 1995.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Projeção da População, 2018.

CONFORTIN, Helena. **Beneduras, superstições, simpatias... Mitos ou realidade?** Erechim: EdiFAPES, 2005.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem?: Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da educação**, v. 4, n. 8, p. 141-174, 2000.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, v. 4, p. 90-113, 2002.

LANGDON, Ester Jean. A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral. **Horizontes antropológicos**, v. 5, n. 12, p. 13-36, 1999.

MENDOZA GARCIA, Jorge. Las formas de recuerdo. La memoria narrativa. **Athenea Digital**. No. 6. Universidad Autónoma de Barcelona. España, 2004.

OLIVEIRA. Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Revista Estudos Históricos. Vol. 05, nº10. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val diChiana** (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. P. 103-130.

THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 15, 1997.

Enviado em: 08.05.2019

Aceito em: 27.09.2019